

PERCEPÇÃO DE RISCO ÀS MANIFESTAÇÕES ATMOSFÉRICAS NA XIV REGIÃO ADMINISTRATIVA IRAJÁ, RIO DE JANEIRO, RJ.¹

Luiza do Souto Valpasso da Silva²

Lucí Hidalgo Nunes³

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem havido grande veiculação de notícias de eventos climáticos e ocorrências extremas em todo o planeta, tendo em vista os impactos que eles produzem. Ao se tratar de Brasil, não é diferente: grandes volumes pluviométricos, altas temperaturas e ventos fortes causam consideráveis impactos, a exemplo dos eventos em diversos municípios da região serrana fluminense (2011) e em Petrópolis, em particular, (2011 e 2022) e no estado do Rio Grande do Sul (2024). Diante desse cenário, observa-se maior preocupação por parte da sociedade civil e populações em áreas de risco quanto aos possíveis perigos aos quais os cidadãos se consideram vulneráveis.

O aumento de ocorrências catastróficas deflagradas por eventos atmosféricos - em especial, as chuvas - se relaciona, também, às grandes transformações socioespaciais que operam no mundo todo, com destaque para a urbanização, que altera de forma radical a paisagem e todos os elementos físicos, em especial, os parâmetros da atmosfera.

Nessa perspectiva, a presente contribuição objetiva avaliar a percepção da população aos riscos relacionados a essas ocorrências em um setor da cidade do Rio de Janeiro: a XIV Região Administrativa (R.A.) Irajá, pertencente à Região de Planejamento (R.P.) 3.3 Madureira, na Zona Norte do município. A escolha do tema e da área de estudo se justifica pelo fato da R.A. Irajá ser palco constante de ocorrências calamitosas

¹ Este resumo apresenta os resultados iniciais da pesquisa de mestrado de mesma autoria.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGEO-UERJ, valpasso@ufrj.br

³ Pesquisadora Visitante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PV Faperj/UERJ, lucihidalgo@gmail.com

deflagradas por episódios de chuvas intensas, que via de regra impactam seus moradores e transeuntes.

A premissa geral é ancorada no entendimento de que a proposição de soluções aos impactos ocasionados pelas chuvas demanda a participação da população afetada, a partir das suas percepções, experiências e anseios.

A R.A. em questão está situada na sub-bacia do Rio Irajá, integrante da Bacia Hidrográfica da Baía de Guanabara (Fundação Rio-Águas, 2020). É cortada pela Avenida Brasil, a de maior importância e influência da cidade, conectando diferentes bairros do município, além do acesso a uma das mais importantes rodovias nacionais: Rodovia Presidente Dutra, que integra o estado do Rio de Janeiro aos estados mais ao sul do país.

Com população de 177.933 pessoas (Data Rio, 2024), a R.A. Irajá é muito influente na Zona Norte do Rio de Janeiro, mas rotineiramente é afetada por eventos de chuvas fortes e consequentes alagamentos, especialmente nos meses mais chuvosos, de outubro a março (Sistema Alerta Rio). Essas ocorrências acarretam grandes transtornos à R.A, seu entorno e a todo o município, tendo em vista a vitalidade da R.A. Irajá.

Assim, este estudo objetivou identificar os riscos climáticos aos quais os moradores e transeuntes da R.A. Irajá, Rio de Janeiro se percebem vulneráveis, partindo de suas próprias experiências. Para isso, moradores e transeuntes da R.A. Irajá estão sendo entrevistados, de maneira a captar suas percepções quanto a esse tipo de risco e suas aspirações por um ambiente mais seguro.

Entende-se que esse tema está alinhado com o cenário de emergências climáticas, cujas consequências deletérias se colocam como um risco para virtualmente toda a população mundial, ainda que esses riscos sejam maiores e passíveis de consequências mais graves para algumas parcelas da população. Entende-se, também, que as soluções demandam a participação de toda a comunidade para seu enfrentamento.

METODOLOGIA

Tendo em vista que a experiência da população que é impactada por fenômenos adversos pode se constituir em elemento relevante na proposição de soluções, pretende-se considerar a vivência das pessoas em relação aos eventuais episódios de chuva que as

afetaram, pois, “o processo interativo entre o homem e o ambiente acontece através dos sentidos que levam às sensações e, em consequência, à percepção” (Sartori, 2014, p. 25).

Dessa maneira, propõe-se como metodologia a fenomenologia, que valoriza a experiência e o espaço vivido e existencial do indivíduo (Nascimento; Costa, 2016), que utiliza sua percepção, experiência e valores, para apreender seu lugar (Tuan, 1983) e, assim, construir sua percepção socioespacial, inclusive quanto às suas percepções de segurança e perigo.

Serão realizadas duas rodadas de aplicação de questionário: a primeira durante o inverno, que corresponde ao período menos chuvoso (junho e julho de 2024) e a segunda durante o verão, período de maior concentração das precipitações (fevereiro de 2025). Neste estudo apresentam-se os resultados parciais relativos às primeiras entrevistas realizadas entre 29 de junho e 3 de julho de 2024.

As entrevistas foram feitas na entrada do Supermercado Guanabara de Irajá devido ao grande fluxo de pessoas. Além disso, foi enviado o questionário via Formulários Google para grupos comunitários de moradores do bairro por via *online*.

REFERENCIAL TEÓRICO

A percepção do espaço habitado, vivido e do espaço desconhecido é construída e reconstruída, com base não apenas de experiências pessoais, mas também influenciada pela divulgação e comunicação local, regional e global de acontecimentos ocorridos no espaço geográfico.

Nesse sentido, “toda informação que se recebe do ambiente pode ser inspirada, determinada e alterada pelo sentimento, e isto explica o fato de que o interesse pessoal é que torna possível estabelecer diferenças entre coisas, pessoas, lugares ou paisagens” (Sartori, 2014, p. 27), o que justifica a apreensão individual da percepção de risco. A R.A. Irajá é diversa em termos populacionais e físicos, com áreas consideradas mais seguras e setores sujeitos à alagamentos, colocando em evidência o apresentado pela autora: a informação recebida do ambiente difere a partir de como se percebe o ambiente em questão. Alinhado aos sentimentos, o processo perceptivo remonta o que foi

experienciado junto as informações que foram recebidas sobre um tema ou espaço e, nesse sentido, busca-se basear a pesquisa em andamento.

Acerca da percepção, “*a perception approach to man-environment relations recognizes that for each objective element and relationship in the biosphere, there are many perceived elements and relationships as seen and understood by different people and at different times and places*” (Whyte, 1977, p.11), explicitando a necessidade do processo perceptivo para a interpretação das escalas de ação de um devido evento num determinado local. Ao se tratar da localização escolhida, é interessante, então, captar a percepção de moradores e transeuntes jovens, adultos e idosos para relacionar as mudanças no ambiente com as mudanças na relação com o espaço em que habitam e transitam, de forma a compreender, a partir disso, como esse espaço é percebido.

Na base deste estudo está também a abordagem de Whyte (1977, p.11), que destaca: “*one important objective of research based on environmental perception is to provide a systematic and scientific understanding of the view from the inside-out, in order to complement the more traditional and external scientific approach*”.

A partir dos resultados obtidos, podem ser reveladas ideias e percepções que contribuem para o conhecimento integral da área, pois ressalta-se mais uma vez que este estudo tem por base a premissa de que o conhecimento do meio demanda a participação da população.

Ao se tratar de percepção aos riscos climáticos e as vulnerabilidades, é importante compreender os conceitos chave. Aqui, utiliza-se o CCKP Glossary (s/d) para defini-los, entendendo risco climático como “*potential for consequences from climate variability and change where something of value is at stake and the outcome is uncertain. Often represented as the probability that a hazardous event or trend occurs multiplied by the expected impact*” (World Bank Group, S/D) representado na pesquisa pelos eventos de fortes chuvas na R.A. e pelos impactos provenientes da ocorrência desses eventos, como áreas de alagamentos na localidade trabalhada. O risco climático se aplica na região como consequência da escala de ação do evento de chuva mais forte que o comum nessa região urbanizada, pondo em risco a vida da população local e a perda ou prejuízo de seus bens materiais necessários para sobrevivência.

Acerca da vulnerabilidade, é definida como “*the propensity or predisposition to be adversely affected*” (World Bank Group, S/D), investigando-se o conceito a partir da percepção da população local.

Dessa maneira, associar as percepções da população local e dos transeuntes da região advém da integração dos sentimentos ao modo de vida particular dos indivíduos que, juntos em sociedade, moldam o espaço e a paisagem – sendo esta interferida pela urbanização – e produzem percepções diversas dos eventos atmosféricos. As ocorrências de padrões climáticos e eventos extremos predispõem populações e regiões a possíveis riscos que, por definição, alteram e prejudicam seu modo de vida e de organização socioespacial. Entender como populações vulneráveis se percebem no espaço através de seus sentidos e influências de experiências individuais permite o trabalho em questão o amplo desenvolvimento da compreensão total do cenário de chuvas fortes na XIV R.A. Irajá dentro de sua organização socioespacial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário para a pesquisa em questão foi aplicado entre 29 de junho e 3 de julho de 2024, constando de oito perguntas fechadas e dez abertas, tendo sido respondido individualmente por um universo de 30 entrevistados. Foram aplicados de forma *online* via Formulários Google e em campo em supermercado influente da região com alta circulação de pessoas.

No que diz respeito às perguntas fechadas, 60% dos entrevistados alegaram morar na XIV R.A. Irajá, sendo o tempo de residência de cinco a dez anos o mais citado entre os demais. Um total de 83,3% dos entrevistados alegou transitar pelo bairro de Irajá, o mais influente da R.A., sendo Vista Alegre e Vicente de Carvalho os dois bairros com maior circulação dos entrevistados (73.3%) após Irajá. Isso revela uma grande circulação dos entrevistados pelos bairros de maior oferta de comércio e serviços dentro da R.A.

Não intencionalmente, por conta de os questionários também terem sido enviados de maneira *online*, a maioria das respostas obtidas foi do público feminino (66,7%) e de pessoas na faixa etária de 31 a 35 anos (20%), sendo seguida das faixas etárias 36 a 40 anos e 41 a 45 anos (ambas 16,7%). Em campo, buscou-se equilibrar as entrevistas entre homens e mulheres e todas as faixas etárias e pretende-se buscar equilíbrio entre os entrevistados nas próximas aplicações. Acerca da escolaridade, 7 pessoas (23,3% dos

entrevistados, todas do sexo feminino) possuíam pós-graduação completa. Seguidamente encontramos as maiores porcentagens organizadas em 20% (6 pessoas) para ensino superior completo e 20% para ensino superior incompleto. Entretanto, percebeu-se que as entrevistas realizadas em campo apresentavam maior variedade nas respostas sobre escolaridade, tendo sido recebidas respostas como ensino fundamental incompleto e completo e ensino médio incompleto e completo, fato que se atrela ao local escolhido para aplicação, onde circula população bastante diversa.

No que diz respeito às perguntas abertas, 63,3% dos entrevistados (19 pessoas) alegam já terem vivenciado alguma condição do tempo que lhe causaram transtorno. De vinte relatos de pessoas que se lembram onde e quando vivenciaram algum transtorno, sete alegaram ter vivenciado dentro da R.A., enquanto doze delas disseram ter sido nos último dois anos. Isso demonstra que parte da população da XIV R.A. Irajá está vulnerável aos problemas advindos das condições meteorológicas.

Um total de 83,3% (25 pessoas) afirma ter uma época do ano em que tem mais preocupação com a condição do tempo. Quando perguntados quando seria essa época, doze pessoas responderam ser durante o verão, dez responderam ser durante períodos muito chuvosos e três, durante os períodos de muito calor, inclusive durante o verão.

Sobre acharem que o clima está mudando apenas uma pessoa alegou que acha que não. De vinte e oito pessoas que deram justificativas, dezessete alegaram que o clima está mudando por conta de os dias estarem mais quentes, doze por conta de as estações não serem mais definidas como um dia já foram, três pessoas justificaram ser por conta de problemas gerados por chuvas como enchentes e inundações e três pessoas alegaram ser por conta de ações antrópicas. Do universo entrevistado, 83,3% (25 pessoas) acompanha a previsão do tempo e desse total dezenove pessoas afirmaram acompanhar pelo celular e doze pela televisão. Dezoito pessoas alegaram ter época do ano em que são mais atentos a previsão do tempo, tendo sido as repostas divididas em verão (15 respostas), durante períodos de chuvas (3 respostas), inverno (2 respostas), todos os períodos do ano (2 respostas), durante as férias (2 respostas).

Acerca da percepção das ações do poder público em relação aos impactos decorrentes de chuvas intensas, a população avalia que são realizadas de maneiras regular, ruim, ineficaz ou péssima, tendo sido citadas frases como: “governo despreparado”; “políticos omissos”; “desgoverno”; “não ocorre manutenção dos valões”; “obras sem

escoamentos”; “falta de estrutura na cidade para esses momentos”; “não se preocupam antes, somente com o durante” e “pouco se tem feito para precaver”. Apenas duas respostas foram positivas, ambas alegando um governo “ativo, vigiando” e “atento, agilizando”, além de terem mencionado que a própria população que não cuida bem do seu espaço. Isso revela a insatisfação da população com as ações governamentais, além da não inserção de si mesma como agente de ação no espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos revelam as percepções da população serem de preocupação acerca de altas temperaturas e delas estarem agravando nos últimos tempos a ponto de, segundo a população, estarem influenciando nas mudanças climáticas, além de as chuvas intensas estarem causando transtornos como inundações e enchentes na R.A. Irajá.

As percepções do clima são muito evidentes para os moradores e transeuntes da região, principalmente acerca da influência das manifestações meteorológicas em suas vidas cotidianas, especialmente durante o verão. Observam com criticidade as ações do poder público e poucos se colocaram em posição de agentes transformadores do espaço. Demonstra-se grande preocupação com o que tem ocorrido com as altas temperaturas e chuvas fortes, como desconfortos físicos, inundações e enchentes.

Pode-se afirmar que os resultados identificam as percepções da população serem de estarem vulneráveis aos riscos de inundações e enchentes e suas consequências no espaço urbano, bem como ao risco de consequências geradas ao corpo físico em épocas de altas temperaturas.

Ressalta-se que uma das hipóteses do trabalho é que a população na R.A. Irajá se perceberia vulnerável às manifestações do tempo, notadamente altas temperaturas e chuvas, que seriam vistas como manifestações das mudanças climáticas, assunto bastante difundido pela mídia. Quanto a isso, os resultados obtidos estiveram de acordo. Entretanto, uma segunda hipótese era de que a recente tragédia no Rio Grande do Sul poderia ter tido alguma influência nas respostas, mas esse fato não transpareceu entre os entrevistados, o que sinalizaria que a percepção de risco é mais condicionada pela vivência individual do que por fatos ocorridos em outros ambientes.

Palavras-chave: Percepção; Risco; Chuva; XIV R.A. Irajá, Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

DATA RIO. Censo 2022: População e domicílios por bairros (dados preliminares). *In*: Rio Prefeitura – Instituto Pereira Passos. **Censo 2022: População e domicílios por bairros (dados preliminares)**. Rio de Janeiro, 02 mai. 2024. Disponível em: https://www.data.rio/datasets/fd354740f1934bf5bf8e9b0e2b509aa9_2/explore. Acesso em: 03 jul. 2024.

FUNDAÇÃO RIO-ÁGUAS. **Rios de Janeiro: Um manual dos rios, canais e corpos hídricos da cidade do Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rio Prefeitura, 2020. 202p.

NASCIMENTO; T. F. do; COSTA, B. P. da. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, 20(3), 2016, p.43-50. DOI: 10.5902/2236499420152

SARTORI, M. G. B. **Clima e Percepção Geográfica: fundamentos teóricos à Percepção Climática e à Bioclimatologia Humana**. Santa Maria: Gráfica Editora, 2014. 192p.

SISTEMA ALERTA RIO. **Dados Pluviométricos**. Sistema Alerta Rio / Geo Rio, c2024. Disponível em <http://www.sistema-alerta-rio.com.br/dados-meteorologicos/download/dados-pluviometricos/>. Acesso em 11 jul. 2024.

TUAN, Y-F. *Espeço e lugar – a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

WHYTE, A. V. T.; UNESCO (org.). **Guidelines for field studies in environmental perception**. Paris: Union Typographique, 1977. 119p.

WORLD BANK GROUP. **Glossary of Terms and Definitions**. World Bank, Washington, DC, Estados Unidos da América: S/D.